

# OS NOVOS BACHARÉIS

## A EXPERIÊNCIA DO PRÉ-VESTIBULAR PARA NEGROS E CARENTES<sup>1</sup>

Yvonne Maggie

### RESUMO

A autora apresenta e discute a experiência de um movimento social que promove cursos pré-vestibulares gratuitos para negros e carentes na periferia do Rio de Janeiro, com o propósito maior de examinar as estratégias e premissas dos atores envolvidos com a questão racial no país, sobretudo os movimentos negros e os intelectuais. São assim contrapostas as visões "particularista" e "universalista" acerca das formas de superação da desigualdade racial no debate contemporâneo.

*Palavras-chave: desigualdade racial; movimentos sociais; acesso ao ensino superior.*

### SUMMARY

The author presents an experience developed by a social movement, which has been promoting free preparatory courses for university entrance exams, aimed at black and poor residents of Rio de Janeiro's impoverished suburbs, and examines the underlying strategies and assumptions guiding the major actors involved with the racial question in Brazil, especially intellectuals and black activists. The author contrasts the "particularistic" and "universalistic" approaches in the current debate, aimed at overcoming racial inequality in the country.

*Keywords: racial inequality; social movements; higher education.*

Numa rua íngreme em um bairro da periferia do Rio de Janeiro vislumbra-se uma igreja simples, situada no centro de um pátio e ladeada por uma casa paroquial e um galpão improvisado, que abriga uma sala de aula pouco arejada, cuja única janela dá para a sala da casa paroquial. Não há biblioteca e apenas alguns livros e revistas doados se acumulam na pequena copa ao lado do banheiro. Durante as aulas o professor faz um grande esforço para se fazer ouvir, porque ao mesmo tempo o coral da igreja ensaia e há jovens envolvidos com a organização de uma festa junina no pátio. Fiéis reunidos na casa paroquial discutem assuntos variados e o som se espalha pela sala de aula contígua. Nessas condições, os alunos se esforçam para ouvir as palavras do professor em aulas de matemática, geografia, português ou *cultura e cidadania*.

Esta é uma cena que se repete em muitas paróquias, escolas municipais ou associações de moradores no Rio de Janeiro desde 1994. Esses estudantes da periferia frequentam o chamado Pré-Vestibular para

(1) Este artigo faz parte de pesquisas desenvolvidas no Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Desigualdade (financiamento Pronex/MCT) e Núcleo da Cor (Fundação Ford), ambos do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Agradeço a colaboração dos estudantes do Núcleo da Cor e as opiniões dos professores Peter Fry, Olivia Cunha, Elisa Reis, Monica Grin, Ricardo Paes e Barros, Eunice Durham, Heloísa Martins, Helena Sampaio e Omar Ribeiro Tomaz, mas são de minha inteira responsabilidade as eventuais imprecisões do resultado final.

Negros e Carentes (PVNC), um curso preparatório gratuito que não está ligado à rede oficial de ensino. Buscam ingressar no sistema universitário, sobretudo em uma instituição pública de ensino superior, visando a sua gratuidade, mas as lideranças do Movimento do PVNC, como se autclasificam, também têm a pretensão de atrair jovens negros e pobres para inculcar-lhes noções de "direitos sociais", "cidadania" e "consciência racial". Os professores do curso dão aula gratuitamente. Na sua maioria, foram alunos do PVNC e hoje estão em algum curso superior ou são professores em início de carreira no ensino médio ou superior, em geral em instituições privadas.

Nas aulas das matérias propedêuticas os estudantes acompanham o programa estabelecido pela rede oficial de ensino e os professores utilizam o mesmo padrão didático das escolas brasileiras. Já as aulas de cultura e cidadania são novidade absoluta para a maioria dos estudantes. Nelas, os professores do PVNC procuram trazer pessoas reconhecidas do meio acadêmico, político ou artístico para discorrer sobre os temas da agenda política mais ampla e que se inscrevem no ideário da cidadania. A ênfase recai em questões que possam transformar esses estudantes em cidadãos conscientes de seus direitos. É claro que o objetivo é também introduzi-los nesse universo ou *ethos* que preside o código acadêmico no Brasil e que hoje é um divisor de águas na seleção para os diversos cursos superiores (basta ver que nos temas das redações dos vestibulares as universidades públicas dão ênfase a questões deste ideário moderno da cidadania, relativas aos direitos de voto, racismo, ecologia e meio ambiente etc). Nessas aulas os estudantes são chamados a discutir e colocar seus pontos de vista, e de fato muitos deles se manifestam e revelam opiniões divergentes umas das outras. O debate é rico e há uma disposição para participar que não se verifica nas aulas do programa oficial.

Os jovens que se reúnem nesses "núcleos" — como são chamados os grupos que se formam para realizar os cursos — não estão apenas discutindo os temas da agenda política, mas também buscando um caminho que os leve para uma forma de vida distante daquela de suas famílias. Em geral decidiram tentar fazer um curso superior a partir de uma "descoberta" que não foi feita em casa<sup>2</sup>. Nas aulas inaugurais dos cursos há um ritual em que ex-estudantes do PVNC descrevem as dificuldades por que passaram para ter êxito no vestibular. São relatos reveladores de uma experiência de vida que, para as meninas, se reveste de uma luta para conciliar os estudos com atividades femininas, como o cuidado da casa e dos irmãos, enquanto para os meninos trata-se do esforço para não seguir uma profissão técnica: eles falam das dificuldades de justificar a continuação dos estudos em face de irmãos mais velhos e colegas que, já profissionais, recebem salários maiores.

A presença dessas moças e rapazes em cursos preparatórios para o vestibular é resultado, em grande parte, das mudanças que vêm se processando em nosso sistema educacional. Os investimentos do governo federal no ensino fundamental têm sido grandes e nos últimos anos houve

(2) Muitos estudantes descobriram sua "vocação" universitária ao participar de movimentos da Igreja Católica, como as comunidades de base, mas há outros caminhos. Um jovem, por exemplo, afirmou ter despertado para essa vocação com as discussões que travou no seio de um movimento anarcopunk da periferia.

uma diminuição da retenção de estudantes, de modo que mais alunos estão ingressando no ensino médio. Esse crescimento, sobretudo em escolas públicas, ensejou a possibilidade de que novos segmentos sociais investissem na educação pós-secundária, gerando um aumento na procura pelo vestibular<sup>3</sup>. Assim, a cada dia há mais estudantes pobres acalentando o sonho de se formar em cursos superiores e que para tanto buscam caminhos alternativos como o PVNC<sup>4</sup>.

O PVNC é um movimento social recente e que tem como mito de origem a figura de frei Davi, padre nordestino que se engajou na luta contra o racismo no interior da Igreja Católica e foi um dos formuladores da Pastoral do Negro, criada em meados dos anos 1970 juntamente com outras pastorais voltadas aos segmentos carentes. Frei Davi teria dado início ao movimento ao organizar o primeiro núcleo inspirado numa experiência do grupo Olodum, de Salvador, que criou um pré-vestibular só para negros batizado de "Steve Biko". Iniciado na paróquia de frei Davi em São João de Meriti, na Baixada Fluminense, o movimento se alastrou pelo Rio de Janeiro, principalmente nos bairros da periferia, e extrapolou o círculo da Igreja Católica. Hoje são mais de 75 núcleos em todo o Estado. Cada núcleo, com um ou mais coordenadores, se reúne regularmente em assembléias a fim de discutir temas centrais para a organização do movimento.

Os estudantes são em sua maioria mulheres (76%), pertencem à faixa de 17 a 25 anos e são sobretudo solteiros (89%)<sup>5</sup>. Do total, 53% trabalham — a maioria por mais de 28 horas semanais (78%) —, metade dos quais recebe entre dois e quatro salários mínimos. Frequentaram o ensino fundamental em escolas públicas 61% dos estudantes, 19% em escolas particulares e 20% em ambas, e o ensino médio, respectivamente, 65%, 26% e 6%. A metade estudou no turno noturno, 30% no turno da manhã e 20% à tarde (em geral os cursos noturnos apresentam alunos com pior desempenho<sup>6</sup>). Cerca de 44% dos estudantes frequentaram o ensino médio em cursos profissionalizantes, 35% em cursos de formação geral e 19% em cursos de formação de professores. Os cursos profissionalizantes e de formação de professores, em geral, não habilitam o estudante nas matérias propedêuticas, dificultando ainda mais o seu aprendizado do conteúdo exigido no vestibular.

Sabe-se que a escolaridade dos pais tem forte influência sobre o desempenho do estudante. Quanto mais graduados os pais, e sobretudo as mães, mais chances possui o estudante de ter bom desempenho escolar. Os estudantes do PVNC têm pais e mães com baixa escolaridade. Os primeiros têm escolaridade um pouco mais elevada que as mães, tendo alguns poucos concluído a universidade. As mães geralmente não chegam ao ensino superior. Os estudantes afirmam que pretendem seguir carreiras "prestigiosas", como medicina, jornalismo, engenharia, direito, administração, mas também há aqueles que se identificam com carreiras como enfermagem, serviço social, pedagogia ou letras. A escolha recai sobretudo em carreiras profissionalizantes, e poucos escolhem carreiras "acadêmicas", como ciências sociais, por exemplo.

(3) Prevê-se para os próximos anos uma procura ainda maior pelo ensino superior. Sobre o percentual de estudantes na faixa etária de 18 a 24 anos segundo o censo educacional de 2000, ver os dados analisados em Sampaio, Helena, Limongi, Fernando e Torres, Haroldo. *Equidade e heterogeneidade no ensino superior brasileiro*. São Paulo: Nupes, 2000 (mimeo).

(4) Os estudantes pobres que chegam às instituições de ensino superior passam por toda a sorte de dificuldades e têm de organizar redes de ajuda informais para concluir seus estudos. Sobre estudantes negros na universidade, ver Teixeira, Moema de Poli. *Negros em ascensão social*. Rio de Janeiro: tese de doutorado, UFRJ, 1998. Para uma descrição de formas distintas de movimentos pró-acesso ao sistema de ensino superior, ver Moehlecke, Sabrina. "Propostas de ações afirmativas para o acesso da população negra ao ensino superior no Brasil". In: Queiroz, Delcele M. e outros (orgs.). *Educação, racismo e anti-racismo*. Salvador: A Cor da Bahia, 2000 (col. Novos Toques).

(5) Estes dados foram organizados a partir de uma amostra de seiscentos integrantes do PVNC.

(6) Cf. Rosemberg, Fúlvia. "Relações raciais e rendimento escolar". *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº 63, 1987.

Esses estudantes, em sua grande maioria (96,9%), afirmam que existe racismo no Brasil, corroborando pesquisas nacionais sobre essa questão<sup>7</sup>. No entanto, a maioria identifica o racismo como mais visível nas relações de trabalho e na procura de emprego, e em menor grau nas relações pessoais. Os nossos entrevistados se pensam a partir de dois paradigmas no que tange ao sistema de classificação racial: aqueles inseridos na maneira "brasileira" de se identificar dentro de um contínuo ou gradiente de cor e os que se identificam com as categorias dos movimentos negros, que optam pela oposição entre brancos e negros. Cerca de 38% dos estudantes se identificam com a cor parda, 21% com a cor preta, 24% com a cor branca e 8% com outras. Esse resultado difere bastante da estatística nacional, segundo a qual 6% se identificam como pretos, 43% como pardos e 51% como brancos. Ao responder sobre qual a sua cor, os estudantes o fazem como nas pesquisas nacionais, mas com menor variedade de cores, concentrando-se nas cores branca (29%) e parda (23%). A cor morena, que na pesquisa nacional corresponde a 35% das respostas, se reduz aqui a cerca de 12%. A porcentagem da cor preta é muito próxima daquela obtida na pesquisa nacional, ficando em torno de 6%. Já a porcentagem daqueles que se definem como negros cresce para 20%.

Essas respostas denotam uma ambigüidade na autoclassificação dos entrevistados, que se identificam ora com a classificação mais abrangente de nossa sociedade, ora com aquela postulada pelos movimentos negros. Isso pode significar que alguns se identificam com o movimento negro, enquanto outros, com uma visão mais convencional sobre raça no Brasil, classificam-se mais por meio do contínuo do que da bipolaridade das cores.

## As representações políticas do PVNC

Diferentemente dos movimentos negros dos anos 1970 e 1980, o PVNC se volta menos para uma discussão recorrente de afirmação da identidade negra do que para um debate em torno das idéias de cidadania. Na disciplina cultura e cidadania, a categoria "cidadania" é centrada na idéia de direitos e deveres básicos do cidadão<sup>8</sup>. É nesse sentido que o PVNC se distingue de experiências de movimentos sociais do passado. Certamente este atalho político só foi possível porque houve certa quebra de hegemonia das lideranças dos movimentos sociais dos anos 1970, como o Movimento Negro Unificado<sup>9</sup>. Se nas décadas de 1970 e 1980 a ênfase do movimento negro estava na busca da construção de uma identidade negra, hoje as discussões sobre a consciência racial não dominam totalmente a cena no PVNC, embora tenham espaço na vertente mais contemporânea de racialização no estilo norte-americano. Naquela época, sobretudo no final dos anos 1980, quando se "comemorava" ou "criticava" o centenário da Abolição, o Ministério da Cultura e as secretarias estaduais e municipais criaram secretarias da cultura negra, onde se desenvolviam pesquisas e debates sobre os temas considera-

(7) Pesquisa do Datafolha nos anos 1980 e uma mais recente da DataUFF chegaram ao mesmo resultado, demonstrando que mais de 90% dos entrevistados afirmam existir racismo no Brasil. No entanto, essa mesma porcentagem responde que não é racista.

(8) Outros cursos preparatórios também incluem disciplinas desse tipo, mas com outra ênfase. No citado "Steve Biko", por exemplo, há a disciplina "cultura e consciência negra".

(9) Ver sobre isso Gomes da Cunha, Olívia. "Black movements and the 'politics of identity' in Brazil". In: Alvarez, Sonia, Dagnino, Evelina e Escobar, Arturo (eds.). *Culture of politics/politics of culture: revisiting Latin American social movements*. Boulder: Westview Press, 1998; Contins, Márcia e Santana, Luiz Carlos. "O movimento negro e a questão da ação afirmativa". *Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCS-UFRJ/PPCIS-UERJ, 4(1), 1996.

dos da "cultura negra"<sup>10</sup>. O discurso dos participantes do Movimento do PVNC é diverso daquele dos anos 1970 e 1980 porque se volta para a questão dos direitos e da cidadania e enfatiza a necessidade de combate às péssimas condições de vida de amplas parcelas da sociedade brasileira. Falam sobre exclusão social e a caracterizam como aquela baseada em critérios sociais e não apenas raciais<sup>11</sup>.

Ao criar um movimento para negros e carentes, as lideranças do PVNC investiram em uma proposta universalista que ao mesmo tempo engloba particularismos. O sucesso dessa experiência, não só quanto ao número de estudantes que o movimento hoje congrega, como também em sua aceitação pela mídia, talvez esteja ligado exatamente a essa forma de unir e honrar duas soluções que em muitas outras situações e contextos sociais parecem contraditórias. Longe de tentar impor, no acesso ao curso, um tipo de estudante já militante, o PVNC atrai pessoas com concepções diversas sobre cor, identidade étnica, desigualdade, exclusão, política etc. Assim, convivem estudantes que se autodefinem como negros e pertencem a segmentos variados dos movimentos negros, a movimentos de bairro ou a outros movimentos sociais e estudantes que não lhes pertencem, alguns dos quais se autoclassificam como *flicts*<sup>12</sup>.

Esse último tipo de estudante pode parecer anacrônico para os militantes que hoje reivindicam uma consciência da "raça" ao estilo norte-americano. Entretanto ele foi seduzido pelo PVNC, que, na sua perspectiva basista, é também influenciado por esse contingente de estudantes e coordenadores de núcleos que não querem reforçar o preconceito ou estigma de marca na estruturação das políticas que visam melhorar as oportunidades sociais. O fato de que 10% dos estudantes tenham se recusado a responder à pergunta sobre cor pode também indicar que a estratégia do movimento se baseia na opção pela não-exclusão daqueles que, mesmo não se autodefinindo como negros, se sentem excluídos das oportunidades educacionais e econômicas. Embora não se possa negar o sucesso do PVNC quanto aos estudantes que conseguem ingressar no ensino superior em carreiras menos prestigiosas dentro da hierarquia de carreiras vigente, os resultados não são ainda visíveis em carreiras de maior prestígio, como medicina, odontologia ou jornalismo. No entanto, a cada ano mais estudantes buscam essas carreiras de difícil acesso, o que demonstra a consistência de seus desejos.

O movimento tem analogias marcantes com fenômenos ocorridos no final do século passado, quando jovens mulatos brasileiros — alguns deles filhos bastardos dos patriarcas — tornaram-se bacharéis, tendo se formado em Lisboa, Porto, Coimbra, Paris ou Londres. Ao voltar para o país, esses mulatos que ascenderam socialmente formaram o que ficou conhecido como "governo dos bacharéis". Influenciados pelas idéias da Revolução Francesa de que se impregnaram naquela Europa do século da emancipação, buscaram construir nos trópicos o ideal universalista. Mesmo Luiz Gama, que não era abolicionista, acreditava na igualdade de direitos entre aqueles que, nascidos livres ou tendo adquirido liberdade, demonstrassem

(10) Num amplo levantamento sobre os eventos do centenário da Abolição, verificamos que a frequência maior dos eventos se concentrava em torno das idéias de cultura e não de desigualdade ou relações raciais (cf. Maggie, Yvonne e outros. *Catálogo da Abolição*. Rio de Janeiro: Ciec-Eco/Núcleo da Cor-UFRJ, 1989).

(11) Há algumas semelhanças entre o PVNC e os movimentos sociais dos anos 1930 e 1940. A Frente Negra Brasileira, importante movimento dos anos 1930, e o Teatro Experimental do Negro, dos anos 1940, também reforçavam a idéia de luta pela ascensão social dos negros. Mesmo antes disso os grêmios ligados à imprensa negra acreditavam que seria pela educação que os negros poderiam ascender socialmente. Muitas agremiações dos anos 1920 implementaram cursos de alfabetização para seus associados.

(12) Ziraldo escreveu um livro infantil com este título. Trata-se da história de um menino que não se identifica com nenhuma cor, mas com uma cor inventada, *flicts*, a qual define como a cor inexistente ou todas as cores ao mesmo tempo.

capacidades pessoais de adquirir riqueza. Defendia que o direito à igualdade e à cidadania não deveria estar preso à noção de raça do imaginário do século XIX. A idéia de cidadania era acionada no sentido de não definir a desigualdade conforme uma razão biológica. Os intelectuais negros ou quase brancos do Brasil monárquico pensavam a partir de categorias como cidadania e refutavam o novo paradigma racial que surgia para explicar as desigualdades quando se avizinhava o fim da escravidão<sup>13</sup>.

Os novos bacharéis deste final de século não estão fazendo viagens transatlânticas, mas navegam por águas não menos turbulentas: saem dos bairros da periferia para chegar às universidades em carreiras não tão prestigiosas como aquelas dos bacharéis do século passado. É claro que essa comparação não pode ser feita sem riscos sérios de simplificação, mas é útil para pensar o caso contemporâneo ao nos afastar de uma visão muito marcada pelo elitismo do meio universitário, que vê nessa nova onda de candidatos às melhores universidades públicas uma ameaça à qualidade acadêmica e um sintoma da desagregação do sistema universitário<sup>14</sup>.

### Entre negros e carentes: indicando um caminho

Qual a importância de estudar um grupo de jovens que compõe um ínfima parcela da coorte de idade que pretende ingressar no ensino superior? Não se trata certamente da eficácia desses pré-vestibulares em produzir uma melhoria do sistema de acesso ao ensino superior, nem tampouco acreditamos que tais cursos possam superar as deficiências da vida escolar desses estudantes, que são, em sua maioria, a primeira geração de candidatos aos vestibulares na família e portanto não têm uma herança educacional que os coloque em pé de igualdade para competir com os estudantes mais ricos. A importância de descrever e estudar este grupo está no fato de que aí se levantam questões que estão presentes na discussão acadêmica e dos movimentos políticos, podemos dizer, há um século.

O debate que se travou em torno da escolha da orientação do PVNC desde o início do movimento, há cinco anos, revela a nossa maneira de pensar as diferenças sociais. A literatura sociológica produzida no Brasil nos últimos cem anos vem buscando definir o peso da classe em relação ao papel da cor na estruturação e hierarquização dos grupos sociais. Há os que enfatizam que no país a classe ou posição social é mais importante do que a "raça", enquanto outros acreditam que "raça" é um critério de hierarquização proeminente. Nos últimos anos esse debate tem sido reinventado pela influência das idéias do multiculturalismo. Os movimentos políticos negros também vêm enfrentando a questão, e a tensão entre as posições é grande. Tanto na literatura especializada quanto entre os participantes dos movimentos há porém uma terceira posição, que é a de tomar esses dois critérios como parte de um dilema que afeta pessoas de todas as classes no Brasil. O PVNC vive esta tensão e a discute constantemente por meio de seminários

(13) Hebe Maria de Mattos descreve a vida destes personagens em *Escravidão e cidadania no Brasil monárquico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

(14) Acerca das representações dos professores universitários sobre os novos segmentos que ingressam no sistema de ensino superior, ver Villas Bôas, Gláucia. *Seleção e partilha*. Rio de Janeiro, 2000 (mimeo); Maggie, Yvonne. "Quando um jovem carente no meio de tiros". *Insight Inteligência*. Rio de Janeiro, nº 9, nov.1999/abr.2000.

e debates promovidos pela sua Coordenação ou mesmo no interior dos núcleos. O curso tem congregado parcelas cada vez maiores de estudantes recém-formados no ensino médio, o que vai tornando cada vez mais complexa a questão. Há quem diga que o movimento está fugindo de sua missão ao permitir a entrada crescente de brancos pobres, e a Coordenação tem discutido reiteradamente o critério de escolha de novos candidatos aos cursos. Até agora temos visto porém uma vitória da opção por pensar-se como grupo etnicamente definido sem excluir aqueles que, por sua posição de classe, também possam experimentar o mesmo tipo de dificuldade.

Qual terá sido a razão desta escolha não-particularista? Há uma opinião corrente segundo a qual o PVNC não se tornou um movimento só para negros em razão da influência dos católicos que dele fazem parte, pertencentes a uma vertente universalista da luta contra a discriminação e a desigualdade<sup>15</sup>. Mas pode-se pensar também que o movimento procura abrir-se àqueles para quem os negros não detêm o monopólio da pobreza e da discriminação. O PVNC vem se caracterizando por definir sua identidade tal como o faz o "senso comum brasileiro", que prefere apostar naquilo que une e não no que separa. Assim, seus integrantes elaboraram uma identidade que engloba classe, gênero, cor, origem regional, origem residencial e a idéia de indivíduo e cidadão. A opção por um universalismo que não exclua a preocupação com um grupo social específico — os negros — é uma das possíveis formas positivas de constituir canais para viabilizar a ascensão social de parcelas "carentes" de nossa juventude, não necessariamente identificadas por uma origem étnica comum. É claro que, sendo o PVNC uma ação de um pequeno grupo de jovens militantes da periferia, o seu impacto em termos de transformações estruturais é muito pequeno. O que se pode dizer até o momento é que este exemplo tem sido um dos mais evocados quando se pensa em criar iniciativas "originais" em matéria de políticas públicas<sup>16</sup>.

Outra característica do movimento é que ele quer se definir pela auto-suficiência, recusando-se a ter financiamentos de agências de fomento internacionais ou nacionais<sup>17</sup>. A Igreja Católica é, sem dúvida, um apoio importante, não só porque forneceu os primeiros quadros de professores, que são vistos como fundadores, mas também ao oferecer salas de aula em suas paróquias. Outros núcleos usam salas de aula em escolas públicas, associações de bairro e outras agremiações, e isso também é considerado um tipo de apoio. O movimento não aceita doações, a não ser uma parcela de 10% do salário mínimo por mês por estudante para custear a passagem e o lanche dos professores. O esforço pela auto-suficiência se opõe a uma idéia de cooptação. Os movimentos sociais no Brasil, de uma maneira geral, têm se caracterizado por um forte viés basista<sup>18</sup>, acreditando numa ação "de baixo para cima". Qualquer tentativa de ligar o movimento ao Estado ou a agências de fomento é vista como algo poluidor e perigoso para a sua autenticidade, mas alguns militantes discordam dessa política basista e desejam ampliar o escopo dos apoios, argumentando que o movimento já é apoiado pela Igreja Católica<sup>19</sup>.

(15) Ao descrever a criação do movimento em entrevista concedida à equipe de pesquisa do Núcleo da Corem em 1999, frei Davi afirmou que optara por fazer um curso só para negros e que os professores disponíveis no momento não aceitaram porque acreditavam que outros pobres excluídos também necessitavam. Esses professores eram do movimento negro e nem todos participavam do movimento da Igreja Católica.

(16) Cf. Fry, Peter. "Politics, nationality, and the meanings of 'race' in Brazil". *Daedalus*, 129(2), 2000.

(17) Recentemente, o Ministério da Educação colocou entre suas metas apoiar esse tipo de iniciativa, mas até agora o apoio tem partido da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, que fornece bolsa de estudos e até isenta de taxa de inscrição ao vestibular os candidatos que vêm desses cursos preparatórios. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro também vem fazendo esforços nesse sentido.

(18) Há uma vasta literatura sobre movimentos sociais nos anos 1970 e 1980 que descreve este viés. Ver, por exemplo, Boschi, Renato. *A arte da associação: política de base e democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Iuperj/Vértice, 1987; Cardoso, Ruth. "Movimentos sociais urbanos: um balanço crítico". In: Sorj, Bila e Tavares de Almeida, Maria Hermínia (eds.). *Sociedade e política no Brasil pós-64*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

(19) Algumas lideranças negras abriram novos cursos e muitas não têm qualquer ligação com a Igreja. No entanto, o segmento católico do movimento não se pensa como uma iniciativa da Igreja no sentido em que foram concebidas outras iniciativas semelhantes, como o Movimento de Ensino Básico nos anos 1960. Segundo frei Davi, o MEB fazia parte da estrutura da Igreja Católica, enquanto o PVNC não está ligado à estrutura da Igreja. Esta é também a posição de padre Gegê, de uma paróquia na Zona Oeste do Rio de Janeiro, que define o PVNC como um movimento autônomo paralelo à Pastoral e levado adiante por jovens não necessariamente católicos ou ligados à Igreja.

A busca da auto-suficiência pode ser uma das chaves para se compreender o empenho do movimento em se manter mais próximo à cultura do senso comum brasileiro quanto à idéia de raça. Talvez seja esta a forte razão a explicar a opção por uma perspectiva que se diferencia das experiências dos anos 1970 e 1980 e de outros segmentos contemporâneos do movimento negro. O fato de o movimento se voltar para as idéias de cidadania e não para as da identidade negra revela esta preocupação em respeitar o que vem da base. A categoria "cidadania" tem amplos significados, mas a ênfase aqui recai sobre os direitos e deveres básicos do cidadão<sup>20</sup>. Assim, o movimento se distingue de experiências do passado recente mas pode reforçar a analogia com os bacharéis do século passado: lá como cá, a ênfase na idéia de cidadania e direitos universais implica uma recusa a definir as desigualdades a partir da raça<sup>21</sup>.

O PVNC — talvez menos suas lideranças e mais o conjunto dos participantes — não está propugnando uma política para um grupo *target* ou uma política de cotas. Estes estudantes preferem acreditar no sistema e conseguir um lugar na universidade por suas qualidades pessoais. A estratégia do movimento de enfatizar o grupo negro e ao mesmo tempo os carentes revela a "lógica metonímica" que opera em muitos níveis de nossa vida social, uma lógica que aproxima coisas e pessoas por contigüidade<sup>22</sup>. Nossa maneira de pensar o gradiente de cores é também baseada nessa forma metonímica de falar da diferença e da desigualdade — o gradiente hierarquizando ao valorizar os mais claros — sem falar da oposição. Esse emaranhado de relações por contigüidade está na raiz da dificuldade do Estado brasileiro em implementar políticas especialmente desenhadas para grupos *target*.

Essa maneira particular de construir a alteridade por aproximação e não por oposição e contraste talvez seja uma hipótese fértil para pensar a escolha do PVNC, que se afiança naquilo que seduz e não no que opõe e atemoriza. Os participantes do movimento não são menos "conscientes" da oposição e da desigualdade<sup>23</sup>: utilizam um idioma mais próximo do senso comum e que fala deste outro lado da moeda, que é o da complementaridade e da contigüidade. Diferentemente de muitos movimentos que apostam hoje na oposição ou no enfrentamento, utilizando-se do conceito de raça para combater o racismo, o PVNC aposta naquilo que aproxima apesar de falar no que desiguala.

## A contribuição do PVNC para o debate político sobre racismo no Brasil

A discussão de muitos intelectuais e movimentos sociais parece estar hoje centrada em uma negação do paradoxo que se cria ao naturalizar a diferença por meio de uma mágica que pretende ressuscitar a idéia de raça, já abandonada há tanto tempo no panteão dos conceitos científicos. Os

(20) Ao analisar a trajetória do uso do conceito de cidadania nas ciências sociais, Elisa Reis aponta que esta categoria que vem sendo utilizada de forma mais intensa nas últimas décadas ("Sobre a cidadania". In: *Processos e escolhas: estudos de sociologia política*. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998). Havia no passado uma certa resistência ao uso deste conceito, já que a herança marxista era muito forte e a idéia de cidadania estava fortemente marcada pela força das concepções individualistas. Parece que o PVNC se opõe aos movimentos do nosso passado recente, que se aproximavam mais de uma lógica marxista.

(21) Tal como o sugere exemplo de Luiz Gama, descrito por Hebe de Mattos (op. cit.).

(22) Em 1992 levantei a hipótese de que nossa sociedade opera uma maneira de classificar por metonímia e não por metáfora, seguindo uma oposição feita por Lévi-Strauss em *O totemismo hoje* (cf. Maggie, Yvonne. *Medo do feitiço*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992).

(23) Ver Hanchard, Michael. *Orpheus and power: the movement negro in Rio de Janeiro and São Paulo (1945-1988)*. Princeton: Princeton University Press, 1991.



bacharéis do século XIX rejeitavam o paradigma racial construído no Brasil daquela época para explicar a desigualdade e a dominação, movidos pelo ideal de aqui construir o paradigma da Revolução Francesa, no qual o indivíduo é o centro. Foi só nos anos 1930 que estas vozes passaram a ocupar a cena com a produção de paradigmas menos racializados, notadamente com as formulações de Gilberto Freyre. A linhagem que se estende até nossos dias e que se recusa a pensar a diferença a partir de critérios raciais não é desprezível, mas hoje há um forte ressurgimento deste paradigma racializado e que pensa o Brasil a partir daquilo que ele não tem face do nosso outro idealizado: a sociedade norte-americana. Ali há um movimento negro forte, os negros ocuparam seu espaço, adotaram-se políticas compensatórias etc. Aqui temos a negação da raça, a falta de consciência étnica etc.<sup>24</sup>.

Peter Fry vem discutindo há muito tempo esta questão. Nos anos 1970, buscou enfrentar a difícil tarefa de entender nosso sistema de pensar as diferenças, e em recente artigo retomou o argumento, que condensa a seguir<sup>25</sup>. Abordando o debate em torno das ações afirmativas no Brasil, Fry afirma que não se pode descartar a influência norte-americana neste processo. Os intercâmbios entre militantes e intelectuais norte-americanos e brasileiros vêm se processando há quase um século e os empréstimos têm sido frequentes, de modo que os modelos ou paradigmas raciais de lá e de cá se construíram de forma contrastiva: enquanto nos Estados Unidos tudo se passa como se o grupo se impusesse sobre o indivíduo, a raça sobre a classe, a origem étnica sobre as marcas ou a cor, aqui o indivíduo parece prevalecer sobre o grupo, a classe sobre a raça, a marca sobre a origem étnica. O argumento de Peter Fry procura apontar que nesta parte da América que sempre se caracterizou pela antropofagia — na acepção tropicalista ou modernista — nem tudo que vem de fora deve ser "comido": aqui como alhures, algumas idéias são canibalizadas e outras, não. Recorrendo a esta metáfora, o autor descreve a nossa quase aversão à importação do paradigma norte-americano de combate às desigualdades usando a raça, e assim relativiza a influência das agências de fomento e intelectuais norte-americanos na condução de nossas quimeras nacionais.

Embora a sociedade brasileira não tome o modelo racial norte-americano como objeto a ser canibalizado, como diz Peter Fry, há intelectuais que pretendem influir no debate reforçando o argumento contrário, como Antonio Sérgio Guimarães e Michael Hanchard<sup>26</sup>. O Movimento do PVNC nos leva a pensar tais tentativas de racializar o debate sobre as políticas de combate às desigualdades ao estilo dos nossos irmãos do Norte como uma espécie de armadilha, como algo que pode acabar reforçando uma noção que no nosso passado recente contribuiu para o obscurecimento das idéias de cidadania. O PVNC tem apontado outro caminho, que refaz o percurso daqueles intelectuais negros do passado ao enfatizar a idéia de indivíduos e cidadãos e não de grupos étnicos com uma identidade comum.

No entanto, como já afirmamos, a tensão é grande no seio do movimento. Muitos dos seus participantes se identificam com a racialização da

(24) Sobre a comparação entre os movimentos negros dos Estados Unidos e do Brasil, ver Ferreira da Silva, Denise. "Zumbi & Simpson, Fuhakan & Pelé: as encruzilhadas do discurso racial". *Estudos Afro-Asiáticos*, nº 33, setembro de 1998.

(25) Fry, Peter. "Feijoada e soul food". In: *Para inglês ver*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983; "Politics, nationality...", loc. cit.

(26) Guimarães, Antonio Sérgio A. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 1999; Hanchard, Michael. "Americanos, brasileiros e a cor da espécie humana: uma resposta a Peter Fry". *Revista da USP*, nº 31, 1996.

(27) Diferentemente do PVNC, o Educafro enfatiza as características do grupo negro e uma terminologia mais próxima do modelo de alguns movimentos sociais norte-americanos. O próprio nome indica a diferenciação de grupo em termos de origem e descendência: "afro".

(28) Esta característica do movimento afinal não se diferencia tanto de nossa experiência cotidiana. Como já expus em outra ocasião (Maggie, Yvonne. "Cor, hierarquia e sistema de classificação: a diferença fora do lugar". *Estudos Históricos*, vol. 7, nº 14, 1994), transitamos entre três modos distintos de pensar as categorias raciais. A oposição branco/negro, a oposição preto/branco e o gradiente de cores. O uso destas categorias é contingente. Ao falar na oposição branco/negro pensamos a nação ao incluirmos a triade índio. Ao falar em preto e branco reforçamos a desigualdade social e incluimos a triade pardo.

questão, a idéia de conscientização da "raça", do "tornar-se negro", mas até agora tem prevalecido a posição que prefere ficar "entre negros e carentes". Esta tensão se mantém desde a fundação do movimento e não se faz sem conflitos. A recente criação do Educafro por frei Davi é resultado de um desequilíbrio que leva certamente à segmentação do grupo<sup>27</sup>. O basismo do PVNC e sua busca de auto-suficiência são uma das possíveis explicações para que a liderança continue a tecer uma estratégia centrada na idéia de construção da cidadania e num critério de seleção de estudantes baseado no indivíduo e no grupo ao mesmo tempo, e talvez sejam a chave explicativa fundamental para o fato de que o movimento ainda consegue manter o equilíbrio entre estas duas perspectivas, apesar da tensão<sup>28</sup>.

O que os novos bacharéis nos dizem com o seu movimento, até agora pelo menos, remete para esta estrutura de longa duração que está certamente marcada por uma maneira particular de construir alteridade e que foi surgindo mesmo em um ambiente em que a idéia de raça parecia "estar no lugar". Intelectuais negros como Luiz Gama, André Rebouças e tantos outros — vozes dissonantes em um contexto intelectual que propugnava uma naturalização das desigualdades utilizando-se das diferenças raciais — estavam na contracorrente do universo da produção acadêmica e da construção de ideologias políticas da época, e depois da República viram os seus sonhos de uma sociedade universalista caírem por terra. Mas o PVNC sinaliza a esperança de que os bacharéis do século XXI possam usufruir um futuro mais alentador do que aqueles bacharéis do passado, cujo destino, como bem descreveu Leo Spitzer, foi tão desalentador<sup>29</sup>. O sucesso do PVNC prenuncia um futuro que se avizinha e no qual o cosmopolitismo e a não-racialização se associam às idéias de cidadania e igualdade mesmo não deixando de nomear os negros.

Ao utilizar o gradiente unimos os outros dois domínios de classificação porque englobamos aspectos culturais e valorativos com a hierarquização de mais branco ou mais negro, mas não deixamos de falar na oposição porque o gradiente é em síntese composto da cor e da ausência de cor, do preto e do branco, do brilho e do escuro. Escolher o caminho da tensão entre falar em negro e em indivíduos carentes está perfeitamente coerente com o nosso modo de pensar e construir a diferença.

(29) Spitzer, Leo. *Lives in between: assimilation and marginality in Austria, Brazil and West Africa, 1780-1945*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Recebido para publicação em 31 de janeiro de 2001.

Yvonne Maggie é professora do Departamento de Antropologia Cultural da UFRJ.

---

Novos Estudos  
CEBRAP

N.º 59, março 2001  
pp. 193-202

---